

# À sombra dos craques

Minissérie da Netflix humaniza os campeões de 1970 e resgata histórias pouco conhecidas por trás do tricampeonato brasileiro

POR ISABELA BERROGAIN

Apesar de cinco Copas do Mundo sem entoar o grito de "É campeão!", o brasileiro une expectativas para o mundial que começa nesta semana. Às vésperas do campeonato, a Netflix aposta na produção nacional *Brasil 70: A saga do tri* para reacender a chama dos torcedores e relembrar a vitória de uma das equipes mais icônicas da Seleção, que esbanjava nomes como Pelé, Rivellino e Tostão. A minissérie ainda destaca o contexto político da época, em meio à ditadura militar e ao governo Médici, e dá destaque a heróis pouco reconhecidos, como é o caso do goleiro Félix, interpretado por Hugo Haddad.

"A importância dele para a conquista do tri foi enorme", declara o ator que interpreta o atleta. "O Félix carregava uma responsabilidade gigantesca. Ele era o goleiro de uma Seleção que tinha talvez o melhor ataque da história, mas bastava um erro para toda a atenção se voltar para ele. Nas minhas pesquisas, descobri que ele era visto como uma espécie de capitão da defesa, organizando e comandando a zaga", conta o artista. O jogador foi titular absoluto tanto no time de Saldanha quanto no de Zagallo.

Para Hugo, o que mais chama atenção no personagem é a capacidade de seguir em frente mesmo



Em *Brasil 70*, Hugo Haddad interpreta o goleiro Félix

Divulgação/Netflix

sendo tão questionado. "Ele foi campeão do mundo e, ainda assim, conviveu com críticas. Existe uma força muito grande nisso. Acho que a história dele fala sobre resiliência. Ele precisava provar seu valor o tempo inteiro", pondera o ator. "A Copa de 1970 não foi construída apenas pelos gols memoráveis, mas também pelas defesas em jogos importantes, como contra a Inglaterra ou o Uruguai, na semifinal", ressalta.

Em meio ao elenco de estrelas, o goleiro, segundo Hugo, é a porta de entrada para a "parte menos contada" daquele time. "Todo mundo conhece o Pelé, o Tostão e o Rivellino. E Félix não é apresentado como um herói perfeito. É alguém que sente pressão, que duvida de si mesmo e que precisa provar seu valor o tempo inteiro. Acho que muita gente vai se identificar com ele, mesmo admirando outros personagens que parecem inalcançáveis", aposta.

O ator também vê o personagem como alguém que ajuda a entender melhor a geração de 1970 como um todo. "Quando a gente olha apenas para os grandes ídolos, corre o risco de transformar a história em uma narrativa simples. E ele lembra que aquela conquista foi coletiva e que existiam muitas experiências diferentes convivendo dentro do mesmo elenco", enfatiza.

## Os bastidores

Hugo Haddad admite que, quando recebeu o papel, seu conhecimento sobre o tricampeonato

brasileiro se resumia ao que a maioria dos brasileiros sabe: "Conhecia os grandes nomes e os lances históricos. Tinha aquela imagem da Seleção perfeita". Porém, ao iniciar as pesquisas para interpretar Félix, o ator se deparou com histórias muito mais complexas, como disputas internas e mudanças de comando pouco antes da Copa, por exemplo.

"Foi aí que a Seleção deixou de ser um símbolo distante e passou a ser formada por pessoas reais. Acho que essa foi a maior descoberta para mim: perceber que, por trás de uma das maiores conquistas do esporte, existiam medos, dúvidas, conflitos e trajetórias muito diferentes entre si", avalia Hugo.

Para além das questões relacionadas ao esporte, o ator destaca a influência do regime militar na época. "A série ajuda a aproximar esses universos (da ditadura e do futebol) e a entender que aqueles jogadores estavam vivendo dentro daquele contexto histórico, e não separados dele. A produção mostra justamente esse lado humano — não só os jogos e os craques, mas os bastidores, as pressões, as contradições e as histórias pessoais de cada um", adianta.

"Acho que a série aproxima essas figuras históricas da gente e mostra que, antes de virarem lendas, eram jovens tentando lidar com a pressão de representar o país em um dos momentos mais complexos da sua história", acrescenta. Hugo acredita que mesmo quem não acompanha futebol irá se identificar com os personagens.

## Sem dublê

Durante participação em um painel no Rio2C, o diretor Pedro Morelli revelou que os atores de *Brasil 70* tiveram que jogar de verdade para gravar as cenas — segundo ele, dublês eram utilizados apenas em "planos muito gerais". Para dar vida a Félix, Hugo admite que a preparação foi intensa. "Precisei perder peso e passei meses treinando como goleiro. Ensaíamos todas as jogadas mais emblemáticas daquela Copa, e eu precisava defender de verdade, inúmeras vezes."

De acordo com ele, o elenco acordava cedo para ir ao campo e passava o dia inteiro treinando: "Vivíamos uma rotina como se estivéssemos em uma concentração real para a Copa". Outra parte importante do processo de preparação foi entender quem era o goleiro. "Nas fotos, percebi códigos que me guiavam nas gravações. O modo como ele se portava em campo, sua postura curvada para a frente, seu semblante tenso, com os olhos sempre cerrados, como alguém que precisa se provar a todo momento", detalha.

"Passei muito tempo pesquisando o Félix, ouvindo histórias sobre ele e tentando entender como alguém lida com um nível tão grande de cobrança. A parte física foi fundamental, mas a emocional também. Em muitos momentos, senti que estava interpretando alguém que carregava um peso muito maior do que apenas o de quem defende em uma partida de futebol", descreve Hugo.